ECOLUME
JORNAL
SOCIOECONOMIA VERDE

11 de abril de 2018

MATÉRIA EXCLUSIVA PUBLICADA NA "VOZ DO PLANALTO"

GUARDIÕES DE ESPÉCIES DA CAATINGA ABRANGE 10 MUNICIPOS

VALORIZAÇÃO DA SABEDORIA POPULAR FRENTE AOS DESAFIOS CLIMÁTICOS

Rede de pesquisadores propõe 'plantar água' no Sertão através do 'recaatingamento'

por Robério Coutinho

É possível 'plantar água'? Com o sol e a Caatinga é sim! Uma rede de pesquisadores nordestinos e de outras regiões brasileiras, chamada de Ecolume, decidiu assumir o desafio científico de realizar estudos e ações de campo na questão da busca de uma simultânea e sinérgica soberania energética, alimentar e hídrica diante do contexto de vulnerabilidades e oportunidades em uma região que já está se tornando árida, como no caso do Sertão, e que se acentuam frente os efeitos da mudança do clima. Na região, o índice pluviométrico é historicamente baixo. Seus solos secos e já possui diversas áreas já desertificadas e outras mais em processo. Ainda assim, o grupo decidiu que vai 'plantar água'. O desafio foi encarado por um consórcio de pesquisadores de várias instituições nacionais e estaduais de pesquisa e de tecnologia liderado pelo mais novo laboratório em atividade no Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) voltado para as questões das mudanças do clima e a vegetação regional numa perspectiva socioeconômica e ambiental. Em até três anos, no Sertão do Moxotó, contarão inclusive com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que já liberou R$ 420 mil para os estudos. No local, os pesquisadores do Ecolume também receberão a ajuda da unidade educacional do Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), que possui uma escola em Ibimirim e expertise na área.

Guardiões das especíes nativas já abrange 10 municípios no semiárido.

O aparente problema é uma oportunidade, como afirma a coordenadora técnica do laboratório do IPA, Francis Lacerda, responsável pelo projeto. Para as adversidades se tornarem benéficas à sociedade e à natureza, em especial na região semiárida onde a vegetação nativa da Caatinga já é adaptada ao clima local, a pesquisadora explica que é necessário existir um outro tipo de racionalização sobre a potencialidade energética do sol e de forma integrada com uso racional da água atenta ao solo e ao clima em sintonia aos cenários de mudanças climáticas.

Lacerda, que é doutora em Recursos Hídricos e climatologista há 26 anos do IPA, diz que “plantar água” é um desses benefícios possíveis. Ela fala em plantar água metaforicamente, a fim de dar sentido material e objetivo a um processo complexo entre solo, água, vegetação, clima e sobretudo o “comportamento humano”- seu estilo de vida. “Nos últimos 300 anos, o humano tem destruído o habitat de forma sistemática. Ela desmata, emite poluentes e promove mais maneiras de degradações ambientais”, diz a pesquisadora, frisando que tais questões predatórias foram as causadoras do advento das alterações do clima no planeta. Quando essas questões são pensadas de forma integrada e sistêmica, considerando ainda a farta matriz energética solar, hoje discretamente utilizada para tal racionalidade, a climatologista garante que é possível “plantar água”. Para isso, deve-se focar também no reflorestamento das plantas da Caatinga (recaatingamente), as quais têm grande potencial alimentar e fim econômico, oportunidades estas também perseguidas pela Rede Ecolume.
O grupo é formado pelo IPA , Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Instituto Federal do Sertão e também pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas).

O recaatingamento de plantas nativas, adaptadas há séculos ao clima semiárido e ao solo seco do local, a exemplo do umbu, o qual está em processo de extinção diante da falta de informação às populações, mesmo tendo grande potencial alimentar e para negócios locais através do seu beneficiamento para esse fim e até com atrativos farmacêuticos, continuam sendo cortadas largamente. O desmatamento da vegetação tem inclusive ampliando o processo de desertificação na região e com prejuízo para o solo e os recursos hídricos. Sem vegetação, eleva-se também a temperatura, com consequências diretas às populações.

Já com o reflorestamento, com algumas oportunidades já expostas, acaba por auxiliar na manutenção da umidade do solo e também contribui na regulação do microclima local, fundamental para a redução do calor com efeitos no ciclo pluviométrico e na retenção da água no solo. Portanto, ao plantar uma vegetação nativa, é como se estivesse plantando água e outros benefícios socioeconômicos e ambientais. Portanto, a valorização da Caatinga, em princípio, por conta dos desafios postos pelas mudanças climáticas, acaba potencializando o cenário de oportunidades, mas somente quando observadas através de um novo paradigma voltado para a soberania hídrica, alimentar e energética. Os pesquisadores e colaboradores farão seus experimentos no Sertão, na unidade do Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim, local onde já vem acumulando expertise em sintonia com a do projeto. Ademais, o Ecolume continua crescendo. E já vislumbra uma parceria internacional com a Universidade de Oxford, pois a Rede já busca consolidar outro projeto correlato com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

A pesquisadora Francis Lacerda, do IPA, propôe a integração dos pilares da soberania no semiárido e diz que "as alterações climáticas são reais e as oportunidades são latentes para o sertanejo"

Desde janeiro, os trabalhos começaram. Já há duas frentes de atuação, ambas voltadas à pesquisa e ações práticas quanto ao reflorestamento do umbu. Parte dos 120 alunos do Serta criaram um grupo chamado Guardiões da Caatinga e estão coletando mudas de plantas da região, e cada um em suas casas está montado os seus viveiros “abertos”. Os estudantes são de cidades da região. Em outra frente, há uma parceria com o setor de Germoplasma do IPA, que tem o banco de plantas nativas geneticamente estudadas e suas qualidades descritas. E deve ser entregue mil mudas de umbu para o replantio até o fim do ano. Por outro lado, o Departamento de Bioquímica da UFPE está fazendo o trabalho de prospecção genética da planta pra listar as potencialidades. Em relação ao eixo energético com o foco na matriz solar, abundante no Sertão, o Ecolume já tem buscado parcerias da iniciativa privada, a exemplo da Celpe, Sunew, entre outras startups, a fim de conseguir os painéis fotovoltaicos, mas sobretudo a transferência do conhecimento dessa tecnologia para as comunidades da região sertaneja.

Lacerda espera contar com alguns desses parceiros, ou até mesmo com a ajuda do BNDES, que também já foi procurado pela climatologista. Ela é uma das pesquisadoras do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas.Assim, nos próximos três anos, o desafio de “plantar água” está lançado pelo Ecolume. E todos os seus estudos focarão no campo prático através das pesquisas realizadas em diversas áreas científicas afins.

E também na tecnologia e nos segmentos da educação e comunicação. Tudo isso a fim de demonstrar a viabilidade e potencialidades diante da necessária adaptação dos arcaicos paradigmas socioeconômico e ambiental – padrões estes que estão e continuam desconexos aos desafios colocados pelas mudanças do clima. Na próxima semana, dias 17 a 19, a pesquisadora estará em Brasília na sede do CNPq, onde haverá o primeiro encontro entre os projetos aprovados para atuar respectivamente nos Biomas Caatinga, Cerrado e Pantanal.